



## Harmonia e excesso

*Sol suspenido*, de Marco Antonio Saraiva

Thais Seabra Leite\*

Menos linearidade melódica, mais simultaneidade harmônica: é combinando claves e silêncios que Marco Antonio Saraiva apresenta *Sol suspenido* (2011). Dividido em três partes – “Perdida partitura”, “Clave de lua” e “Duetos em clave de silêncio” –, o terceiro livro do poeta compõe uma vigorosa sinfonia de temas, formas e ritmos.

No primeiro contato, espanto pelo excesso. As duzentas e cinquenta páginas desafiam o leitor a reconhecer inúmeras referências intertextuais e interdiscursivas. Costura de tempos e espaços, de Maiakovski (cf. “Maiakovski e Iessienin”) a Drummond (cf. “Tempos de túneis”), entre Mozart (cf. “Réquiem”) e Aleijadinho (cf. “Memória”), os versos de *Sol suspenido* empreendem uma verdadeira viagem entre culturas.

Além dos eruditos diálogos entre obras, vastos são também os temas e as elaborações. Recorrentemente metalinguísticos, muitos poemas oferecem um vislumbre de questões sociais, ecológicas e históricas, sem que o engajamento do autor se sobreponha à preocupação com a lapidação da linguagem. A título de exemplo, a segunda estrofe de “Morro”:

\* Mestranda em Literatura Brasileira (UFRJ).

misto de Labirinto e desterro  
 com campos de concentração,  
 o eterno estado de suicídio:  
 o salto latente dos barracos  
 ao precipício,  
 (p. 95)

Em aceno breve à vanguarda concretista, *Sol sostenido* apresenta, para além do trabalho apurado, uma exploração visual da escrita e da página. Em poemas como “Dna Sapiens” (p. 79) e “Vampiro”(p. 71), conteúdo e sinal gráfico se põem isomorfos. O mesmo recurso se encontra em “Bumerangues”, de que reproduzimos a segunda e última estrofe:

em qualquer língua,  
*tangue* ou  
 dialeto,  
 fala,  
*parole*  
 ou *langue*,  
 tuas palavras  
 são bumerangues.  
 (p. 77)

Vertidas em metáforas que pertencem aos domínios significativos da botânica, da tradição marítima, da escrita ou do idioma, as palavras estabelecem correspondências belas e raras entre imagens, como se verifica em “A imolação do sol I”:

Afinar a prata do plenilúnio,  
no esmeril das ondas tropicais,  
até torná-las uma lâmina minguante:  
o sabre para o distante samurai.  
(p. 100)

Aliada à memória, percorre o livro uma discreta linha de força que desvela a linhagem enquanto descendência e destino tanto do homem quanto do poeta. Os poemas em que sobressai a condição de contínuo do ser humano, envolto em passado e presente, concentram-se mais na abertura e no fechamento de “Perdida partitura”, mas se fazem presentes também em outros pontos do livro. Assim, lemos ao final de “Teias”:

O tecido da memória  
de novo os une,  
remenda o passado  
ao presente, os alinhava  
num único abraço, agora  
que o vento os espalha  
pelos quatro cantos da casa.  
(p. 187)

Não menos diversa que a temática é a configuração dos poemas. Seja em versos de maior regularidade, seja em versos livres, *Sol sostenido* revela um Marco Antonio Saraiva que prefere as rimas toantes às tradicionais e consagradas soantes. Do mesmo modo que o *Sol sostenido* – título e nota – é um semitom acima do sol, en-

tre rimas toantes a correspondência não é completa e se dá apenas entre as vogais tônicas.

Foi Mário de Andrade, poeta e musicista, quem atribuiu, ao escrever o “Prefácio interessantíssimo”, mais valor à harmonia (enquanto combinação simultânea) do que à melodia (como sucessão consecutiva de sons). Mário de Andrade no verso, Saraiva no princípio articulador de seu livro: harmonia de diferentes tons e discursos, de erudição e cotidiano, de crítica social e metalinguagem, de poesia e genealogia. *Sol sostenido* é uma possibilidade de transformar excesso em riqueza – ao leitor de aceitar o desafio.